ESCAVO

Angela Meili

ilustrações:
Eliége Jachini



preâmbulo

I.

Descrever não interessa.
Escrava dos sentidos, a mente deseja liberdade fora do enredo frio da rotina, procurando o absurdo e a doença para sentir-se viva. Ela é extraordinária e vai além da pura expressão, surpreende a palavra, que é sua coisa, seu objeto, peça, grão, unidade. Carta do jogo.

Porém um nome bastaria ao poema, nome desejado e impossível. A palavra soaria e abriria a folha, revelaria a coisa e possuiria um tempo eterno, ao ser fixada.

II.

Somente a natureza é real porque totaliza qualquer possibilidade, ela permanece latente e imperativa, mesmo na mais límpida civilização, cuja ordem submerge da sopa química do universo.

III.

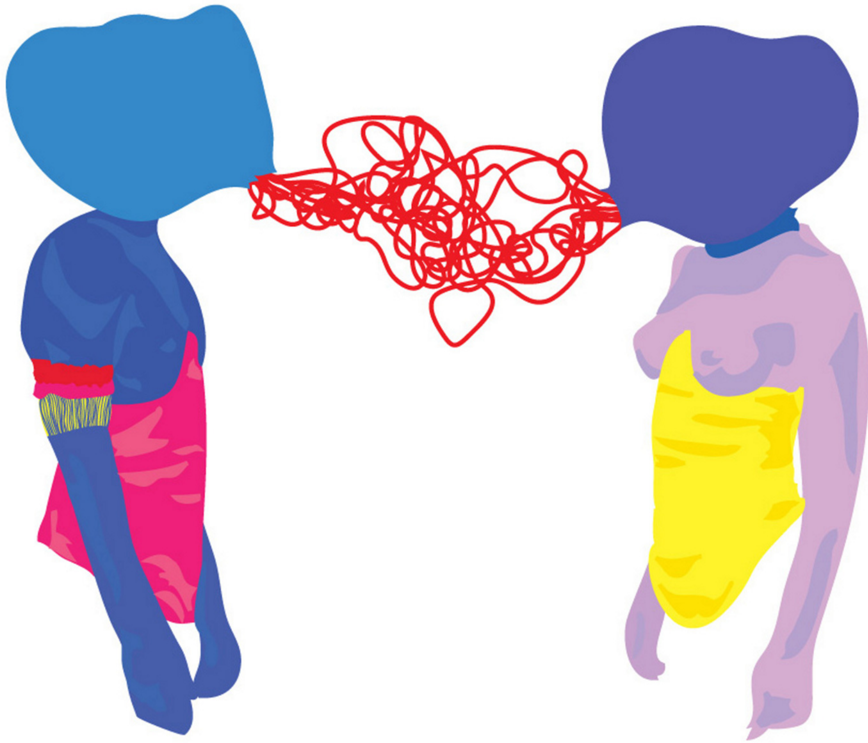
O ser, entre multiplicações espelhadas, confunde-se com o que o cerca. Locomovendo-se rapidamente entre vias, localiza-se flutuante na exterioridade que é a projeção dos seus impulsos.

Há um prolongamento permanente entre a alma de um e a animosidade do mundo, sensação de permanência apesar da fluidez constante dos dados. Nada mais extrapola o ser porque ele é maleável nos ambientes múltiplos e está sempre aberto e disposto a concentrar dualidades.



cem planetas? cem pupilas?
simpatia das coisas distantes
o nada árido das areias

Roberto Piva



poluída por escalas cromáticas nauseantes
sinto o aroma das páginas novas



eu espaço

Tenho crateras expostas ao sol
vendavais protegendo o que há dentro
e, por fora, o macio contato da luz.

Fendas expostas de carne
rasgando-me por um pouco de sonho.

Há também em mim
algo de liso como edifícios
de espessas camadas.

Tenho paredes trancando
para que eu não seja toda
essência diluída.

E, se fechar os olhos,
enxergo infinitos brilhos
cercados de escuro.

Recebo, de fora, milhares de cores
compostas em partitura.

luz .

Minha mão maleável
leva macia

quase toca
enquanto captura

mão de lupa
a folha.

Pálpebra lasciva
envolve e lambe o globo,

moldura invisível
do quintal verde
que a mão encosta.

O amarelo
cruza abismos
crava o ar,
lava a pele.

Bloco sólido
de luz dissolvida.





fora

… e tenha tendas amarelas
no além da dúvida.

minha fina cama de pluma…

Doar-se fácil, como os vãos das paredes gastos
e os liquens;
eis a brancura fria do muro intacto antecedendo
os fulcros.

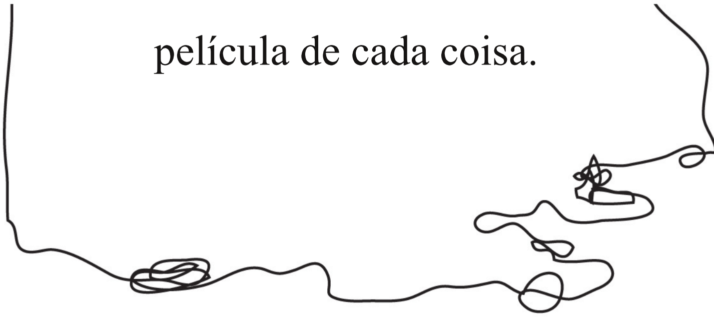
Eu raptava olhares, imaginava melodias firmes
e as unhas rachando na corda.

superfície

Colapso que me impele ao vago
dançante contraste entre o céu pesado e branco
e eu.

Hora fria abafada
e um nada estreito,

película de cada coisa.





visão

Que por lá ficasse
localizado entre oblíquos,

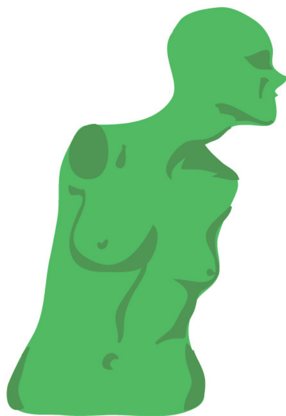
Que tivesse metades infiltradas
dentes afiados e cela apropriada.
Luzes tangenciando ou incidindo,
alfinetes, órbitas, juntura rachada.

Que tivesse o calor saído das rochas
e galhos apontados ao esparso,
flamas recriando a matéria exata
num baile inesperado.

Que, escalando ao céu,
desatasse a crueza das trocas
desfiasse os véus do esquecimento
e banhasse de líquida dúvida
o corpo suspenso

Que assumisse o castigo como júbilo
e gozasse da contradição
clara e absurda.

Que os pés dançassem involuntários
e a volúpia, como ar,
ocupando tudo…



receita

Desejar e rejeitar: duas manobras num só corpo,
alternância entre o desespero e a hesitação.

E não sei se respiro ou grito;
cada lado manobra a incoerência
que a tudo infla e ocupa.

Doutrinada ao medo, a cabeça é baixa.
A dor se conserva na falta de argumentos e
as razões entontecem.

O tráfego, os tetos, os horários
aprisionam o corpo.
O maxilar enrijece e tudo soa como
acúmulo,
de órgãos, de títulos.

Os séculos traduzem-se em
esquecimento,
porém a culpa da alma é constante
e não ocupa o mesmo lugar do sonho.





música

Não posso ficar mais um dia
sem a poesia.

E como pode a palavra
falar de amor?

Enquanto escrevo estou em
movimento,
mas não consigo suprimir a ferida.

O ar me detém,
a música me carrega
e chego a um instante maior.

solidão

Caminhos explodem para dentro:
a ternura de uma planície.

Taça repleta.



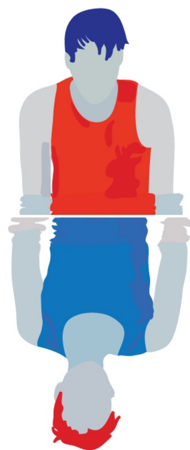
Desejo alguém
que diga
que os meus olhos
dizem muito.





aurora

um erro zonzo ao sim da noite,
por entre lâmpadas
e marfins bronzeados



moderno

A planície de piche,
os pés de borracha.

Doce engrenagem,
carruagem de cálculos projetada
para um destino fácil.

Ele apropriou-se dos termos
retirando as aspas
e agora estava pronto.

torpor

.

A luz da sala
reflete um ritual que
fatiga meus olhos.

Rua,
ribanceira
de sonhos televisionados
e toneladas de lixo.

 verborragia que esvai o suplício
de não ter o que dizer.

A memória da tua ausência
insistentemente revisita
a gota da minha lágrima.



rotina

Minúcias do tato,
pequenas habilidades,
sacrifícios molhados.

Sou assim:
frivolidade,
grinaldas derramadas sobre o corpo moroso

e o último suspiro da tarde…
e a existência estéril…
um bumbo após o outro
na facilidade das canções descontraídas.

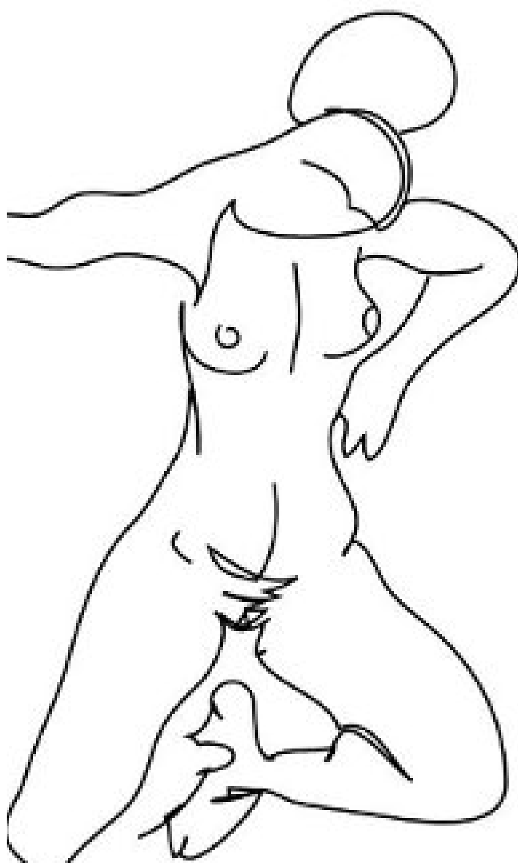
O sol tem o hábito de se esconder
e a luz intermitente
nem sempre acaricia as poeiras invisíveis.



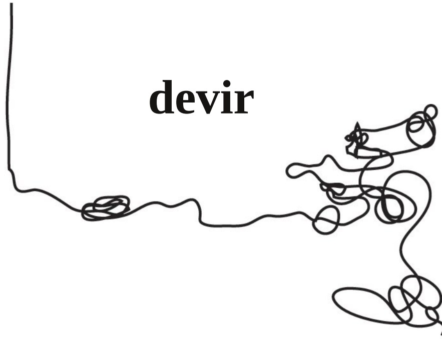
fé

Quis preencher isso de mim,
fluir na cadência que me resta,
orar mesmo na descrença
falar em voz baixa.

Retribuir a miséria
com estrelas.



devir



Mais uma morada:
o orvalho seca
e permanece,
por volta de cada horário,
a rotina dos tempos,
dos meses repentinamente formados.

Evaporação da água;
chuva sublimada.
Geada,
sutil congelamento dado a poucos olhos.

Enfim, a chegada do calor.

O futuro murmura e vem com as correntes de ar.
Percebo, a cada estação,
nova tonalidade em minha pele.

Sei que o instante me arrebata.

estante

Sou até onde posso ouvir a voz.

Por verbo, entendo cor que carrega som,
memória olfativa.
Rios de cheiro reconstituindo a história.

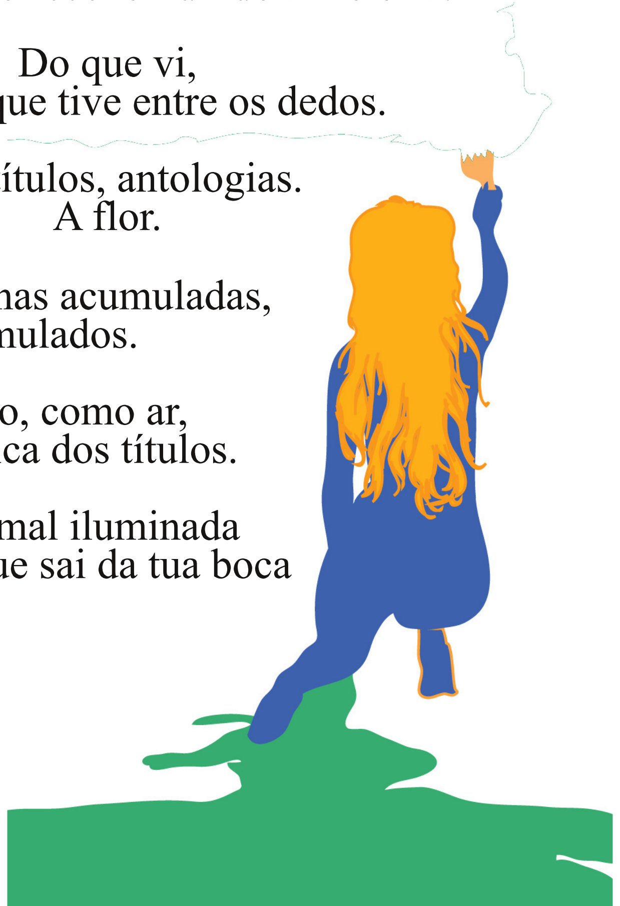
Do que vi,
o pouco que tive entre os dedos.

Subtítulos, antologias.
A flor.

Tijolo de folhas acumuladas,
acumulados.

E respiro, como ar,
a nota exótica dos títulos.

Dor de rua mal iluminada
Fumaça branca que sai da tua boca





Fria gruta,
agudo segredo

da gota lisa
desce a listra.



esta é uma produção independente
escavo@consultoria-lingua.com